

As fontes primárias para o estudo do mito arturiano: Breves considerações metodológicas sobre a HISTORIA BRITTONUM

Ana Donnard

Instituto de Letras e Linguística (ILEEL); Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Resumo: Os estudos filológicos e historiográficos do conjunto de textos que compõem a HISTORIA BRITTONUM revelam uma obra compósita, certo, mas reveladora de uma unidade cultural que a torna um patrimônio de cultura celto-latina e britônica fascinante. Este fascínio pode ser compreendido já que se trata de uma fonte primária do mito arturiano e que evoca o personagem enigmático deste rei dos Bretões em sua fase mais primitiva. A literatura medieval arturiana está longe, ainda nos dias de hoje, de esgotar as possibilidades de entendimento histórico ou mitológico deste personagem arrebatador para o ocidente cristão. Neste estudo apresentamos apenas algumas anotações que podem apontar caminhos para abordagens do texto conhecido como de Nennius, discípulo de Elfoddw.

Palavras-chave: Mito arturiano; Historiografia literária; Estudos célticos; Matéria da Bretanha

Résumé: Les études philologiques et historiographiques sur l'HISTORIA BRITTONUM, ont démontré son organisation composite, certes, néanmoins une unité culturelle peut être identifiée: c'est une œuvre qui appartient à une culture brittonique d'un ensemble littéraire celto-latin dont le répertoire fascine. Cette fascination est compréhensible car cette œuvre appartient au corpus des sources primaires du mythe arthurien et présente le personnage énigmatique des rois des Bretons dans son étape la plus primitive. Les études de littérature arthurienne essaient encore aujourd'hui de comprendre la dimension historique et mythologique pour ce personnage étourdissant de l'occident chrétien. Dans cette petite étude nous présentons quelques annotations pour l'étude de ce texte connu comme de Nennius, disciple d'Elfoddw.

Mots-cles: Mythe arthurien; Historiographie littéraire; Études celtiques; Matière de Bretagne.

The Historia Brittonum is like a cairn of stones, uneven and ill-fitting... as an example of the historian's art it is atrocious. But it has the virtue of its defects. We can see the individual stones of the cairn, and in some cases we can trace the parent rock form which they came, and establish its age and soundness.

Leslie Alcock

1. Introdução

Não raro encontramos a assertiva que trata da “cristianização do mito arturiano” nos estudos publicados. Esta noção é imprópria se pensarmos no âmbito da complexa rede de fenômenos e na natureza mesma do mito arturiano na sua origem e na composição de suas fontes. Existe um mal entendido quando tratamos com a matéria céltica dos textos arturianos fundadores do ciclo literário da Matéria da Bretanha.¹ Costuma-se transformar em um só processo as escrituras e re-escrituras dos textos arturianos que são – e esta é a particularidade fascinante de nossos estudos medievais – um universo de transações entre cultura oral e cultura letrada, mitologias antigas degradadas em folclore e re-transpostas para o enorme canevás da literatura latina cristã da Antiguidade Tardia. O personagem histórico é uma impossibilidade com a qual todos os arturianos têm que se conformar. Mas também não podemos simplesmente encerrar os debates sobre a historicidade de Artur-Arthur, como já proposto por grandes historiadores e filólogos (DUMVILLE, 1977; WALTER, 2002). Não se pode afirmar a impossibilidade de uma imbricação entre algum personagem real e o mito de um rei-guerreiro protetor dos Bretões. As teses até agora apresentadas sobre a historicidade de *Artur* (se seguimos a grafia latina) ou *Arthur* (se seguimos a grafia céltica), só fizeram confirmar o “mistério de civilização” ou o “*ystyr hud*” anunciado pelo historiador galês Thomas Jones e este mistério é claro que ainda merece muitos de nossos livros.²

É preciso compreender de uma vez por todas que um mito pré-cristão não é “cristianizado”. Cristianizado é o autor ou o compilador, ou até mesmo o copista medieval que o transcreveu e o alterou, sobrepondo ao fundo de memória oral céltica os elementos que o fariam entrar na cadeia de textos produzidos pela tradição cristã ao qual se filiava. Esta observação pode parecer um detalhe de menor importância, mas veremos mais adiante que não. Compreender o extenso e complexo mundo da literatura medieval arturiana requer um rigor metodológico, ao qual devemos nos ater, sob pena de

¹ Os textos arturianos fundadores são todos aqueles em que encontramos a menção a Arthur. Gildas e Bede não são textos arturianos porque não fizeram menção a Arthur, embora façam parte integrante de qualquer estudo historiográfico sobre o mito arturiano.

² Este artigo foi publicado pela primeira vez em língua galesa em maio de 1958 no *Bulletin of the Board of Celtic Studies*, Vol XVII, sob o título: ‘Datblygiadau Cynnar Chwedl Arthur’ e traduzido em 1964 por Gerald Morgan no periódico *Nottingham Medieval Studies*, vol VIII. Antecede, portanto, de um ano apenas, ao Congresso da Sociedade Internacional Arturiana – IAS em Quimper na Bretanha – França, e foi um marco para o início dos estudos antropológicos sobre o personagem lendário e seu mundo celto-bretão e celto-irlandês.

reproduzirmos eternamente os estereótipos arturianos mais conhecidos, impedindo que a matéria céltica em sua exigência de erudição filológica, histórica e lingüística se faça sentir. Arthur estará sempre, em suas origens, embebido nas brumas do mundo pré-cristão dos celtas Atlânticos. Transformou-se em *mito literário* na passagem da Antiguidade Tardia para a era Medieval, tendo sido, durante séculos, recriado pelas narrativas daqueles que, cristianizados, não podiam se furtar à memória pré-cristã dos Bretões, os ‘últimos romanos’ de um império em decadência (CASSARD, 1996; FLEURIOT, 1980).

Antes de iniciarmos nossas anotações faz-se necessário assinalar que o material pré-galfridiano, ou seja, anterior a HISTORIA REGUM BRITANNIAE de Godofredo de Monmouth, do qual faz parte a HISTORIA BRITTONUM, pertence ao estoque de fundo britônico. Este material possui a maior parte do conteúdo antigo anterior e contemporâneo à romanização e, ainda, este estoque não pode ser imediatamente reconhecido pela datação cronológica dos manuscritos. Alguns manuscritos mais recentes são, algumas vezes, transcrições de peças bem mais antigas do que outros manuscritos menos recentes (JACKSON, 1964; BROMWICH, 1978). Os estudos sobre este corpus pré-galfridiano devem se filiar, portanto, aos estudos lingüísticos, históricos e paleográficos para a realização da crítica interna e externa destes textos.

Quanto aos textos pós-galfridianos, estes fazem parte da *matéria literária* propriamente dita, onde a noção de autor *pode ser* menos complexa - nem sempre o é, mas pode ser - como também a identificação da progressão cronológica das obras e suas filiações. Igualmente aqui, nem sempre o é... mas estamos tratando da complexidade a que estão fadados todos os medievalistas, historiadores, filólogos ou estudiosos da literatura arturiana. Note-se que estamos falando do mais amplo ciclo literário do ocidente cristão, perdendo apenas para a o ciclo da Bíblia. Este ciclo teve início no século VI e se estende até os dias de hoje!

2. A HISTORIA BRITTONUM de Nennius – Escritura e Oralidade

A obra conhecida como a primeira fonte escrita do mito arturiano, na ordem cronológica dos manuscritos, provoca imediatamente a questão de sua autoria, questão que deu

origens a inúmeros debates e hipóteses formuladas. Encontramos, nos vários estudos sobre o famoso texto, ora a menção a um compilador chamado Nennius, ora a afirmação que o texto teria sido obra de *um autor* cronista “anônimo”. A primeira possibilidade pode ser até mesmo mais problemática do que a segunda, tendo em vista o próprio texto da HISTORIA BRITTONUM (de agora em diante HB) e o conhecimento que temos das especificidades da “autoria” de textos medievais, sobretudo da crônica histórica.

Os romanistas do período romântico, tais como Edmond Faral, tantas vezes citado nos estudos sobre a literatura medieval arturiana, necessitavam a todo custo comprovar a influência clássica na configuração da matéria arturiana. Sem dúvida não podemos deixar de lado o cano clássico. Obviamente, os clérigos da igreja céltica conheciam os clássicos, mas nota-se uma clara recusa em aprofundar a pesquisa da literatura oral céltica e mesmo vernácula – alguns mal conheciam o estoque imenso desta literatura vernácula, sabendo menos ainda sobre as línguas britônicas – galês e bretão.³ Para os romanistas era importante demonstrar que o material pré-galfridiano não poderia explicar a evolução do mito literário, e a obra de Godofredo de Monmouth - HISTORIA REGUM BRITANNIAE - não existiria sem a necessária e quase imperativa herança dos clássicos latinos e gregos como componentes estruturantes do mito arturiano. Segue-se a citação de um comentário de Edmond Faral sobre a HB que vale a pena considerar para exemplificar nossa observação:

L'Historia Brittonum n'est pas une composition de caractère populaire. Sans doute l'apparence est-elle autre. Le décousu de la composition telle que la présentent les textes récents et amplifiés, ce fatras de traditions incohérentes et puérides, ce style amorphe, indigent, incorrect, font penser au travail d'intelligences élémentaires, obscurcies par l'ignorance et la superstition. Pourtant, quand on considère l'œuvre dans sa forme première, on y découvre un effort de combinaison, des procédés d'information, des connaissances, des intentions, qui dénoncent en l'auteur un clerc de quelque expérience. (FARAL, 1929, volume I, p. 73)

Foram necessárias várias gerações e múltiplas pesquisas interdisciplinares para propor adequadamente uma solução sobre a origem da HB. Faral se deu a tarefa de

³ E, ainda até pouco tempo percebia-se esta clara “resistência”, quiçá ainda hoje, mas não posso saber por que não tenho mais conhecimento destes estudos não-celtisantes. O exemplo a que me refiro é a tese de doutorado de Paul Zumthor que regurgita de impropriedades filológicas e historiográficas a respeito de Merlin (ZUMTHOR, 2000).

comparar as interpolações entre o manuscrito de Chartres e o manuscrito Harleiano e havia concluído:

A impossibilidade de definir, com exatidão, a partir do capítulo 37, o que, no manuscrito harleiano, representa o texto original da HB e o que faz parte de adições, impede de se fazer uma idéia correta do tipo de evolução ocorrida na obra. (FARAL, 1929, volume I, p. 219).

Ora, Faral trabalhava com um numero reduzido de manuscritos a partir da edição de Monmsen, conhecida por suas imperfeições e lacunas (THURNEYSEN, 1933; JACKSON, 1964). Outro problema, ainda menos considerado pelo romanista francês, era a dificuldade do estágio da língua latina ou do celto-latim, considerado então como um pobre latim, sem a erudição dos classicistas de outras paragens. O mundo céltico para os romanistas ainda era visto como um fim de mundo ou “*finisterrae*” de bárbaros celtas, mesmo que a historiografia provasse o contrário e que a enorme produção de literatura celto-latina e vernácula medieval contribuísse para outro entendimento a respeito deste mundo céltico desconhecido. E, ainda, outro elemento complicador de interpretação dos dados internos e externos ao texto da HB era o fato de que hagiografia sofria da noção de imperfeição total e mesmo de repúdio enquanto material para análise comparativa.⁴ E, ainda, se a escola francesa ainda aceitava evocar alguns textos vernáculos célticos, a historiografia literária inglesa se recusava categoricamente a analisar o corpus da literatura britônica. Ao longo de um século de produções acadêmicas, com a primeira edição da HB por Joseph Stevenson (1838), até a edição e tradução de W. Wade-Evans, (1938) as dificuldades, sem resposta, se transformaram em um conceito de obra sem utilidade para a historiografia da Bretanha insular na Antiguidade Tardia.

Um grande número de manuscritos compõe o corpus da HB que se reagrupam em quatro “famílias”, cujo conjunto cobre um período bem longo: do século IX ao século XIII. A primeira família compreende o manuscrito chamado de Harleiano 3859 com o manuscrito de Londres *Cotton Vesp. D. XXI* do século XII. A segunda família compreende o manuscrito Z de Chartres numero 98, o mais antigo, de origem bretã

⁴ Note-se que no corpo da HB temos fragmentos de vidas de santos.

armoricana.⁵ A terceira família que é atribuída a Gildas reagrupa quinze manuscritos e a quarta família, conhecida como de Nennius contém uma versão irlandesa que é a *Lebor Bretnach* do século XI. E ainda, esta é uma classificação simplificada (FLEURIOT, 1980, p. 245-6).⁶ Esta classificação não é a mesma segundo o editor e muito frequentemente encontramos informações desconstruídas em relação às denominações e datas dos manuscritos. A erudição nem sempre é muito fiel à cientificidade ou então à preocupação com a *transmissão do conhecimento*, infelizmente. Não raro os textos de historiografia literária são confusos, até mesmo incoerentes, lacunares na questão de importância fundamental, a tal ponto que podemos supor um desejo expresso do erudito-autor, ainda que dissimulado, em ocultar os caminhos que levariam seu leitor ao desvendamento do problema objeto da pesquisa. Isso acontece também com os estudos da Arqueologia. Por isso podemos sem receio comparar os estudos filológicos e os relatórios de campo dos arqueólogos dentro de um mesmo dinamismo psíquico a que estão sujeitos um e outro.

O conjunto dos manuscritos, a proveniência e as datas, o estado da língua latina e o conteúdo histórico associado a resíduos mitológicos confirmam uma aura particular desta obra fragmentada que é a HB – um *cairn* de mitologia e historiografia britânica com bem disse Alcock em epígrafe neste artigo (ALCOCK, 1971). Quanto à classificação menos poética e mais acadêmica, devem-se considerar as diferentes correntes da filologia, as abordagens variando segundo as premissas para cada classificação. Estes elementos já indicam que a HB não é uma obra de fácil abordagem. A diversidade de manuscritos implica então em diferentes elementos de análise e configuram ao estudo da HB uma matéria em si mesma.

Diversos elementos devem ser considerados para a crítica interna e externa do(s) texto(s): as diferentes caligrafias, as glosas célticas ou latinas, as interpolações, as supressões, a origem geográfica de cada versão, a lingüística histórica. Para o historiador, resta a

⁵ Queimado durante a Segunda Guerra Mundial em um bombardeio, ele pode ser consultado, hoje, apenas em fragmentos micro filmados, mas a consulta a estes fragmentos pode ser quase uma aventura em *O nome da Rosa* ou no estilo *Código Da Vinci*. Colocando o humor à parte, estes manuscritos necessitam de um projeto de pesquisa de alto nível para serem liberados ao pesquisador. A digitalização na WEB, como meio democrático para os medievalistas, ainda está longe de se concretizar, embora já tenha, obviamente, evoluído bastante em direção ao melhoramento do quadro de dificuldades anteriores.

⁶ Uma listagem de todos os manuscritos da HB conhecidos pode ser encontrada na *Addenda* de Dumville (1990).

complexidade de uma época revelada através de uma grande fragmentação do corpus, devendo se contentar em relacionar os textos com os dados da arqueologia, que por sua vez mais apresenta novas questões do que respostas aos inúmeros problemas apresentados pelo corpus literário – do qual obviamente Arthur é um dos mais complicados e fascinantes.

À diversidade de manuscritos da HB é preciso acrescentar as hagiografias, quebra-cabeças de riqueza impressionante, mas ainda mais complexo para a análise comparativa dos textos.⁷ A fronteira do “horizonte histórico” da HB é sem dúvida fascinante, e, sobretudo exigente do ponto de vista metodológico. Em se tratando de sociedades de tradição oral que se tornaram letradas (no sentido de escritura) o horizonte histórico é certamente um desafio para os cronistas das gerações posteriores. O manuscrito mais antigo da HB está em defasagem de três séculos em relação ao período de referência. Portanto, tratou-se de um dever de memória de três séculos de tradição oral – do século V ao século VII.

Os séculos de referência da HB são indiscutivelmente decisivos para as culturas britônicas. As primeiras literaturas vernáculas se organizavam com os seus acervos de memória pré-cristã. As línguas célticas se conservavam ao lado da latinização expandida, da oficialização do latim como língua de culto e também administrativa. A tradição bárdica galesa atesta o fenômeno, o gaélico na Escócia e na Irlanda seguiram as trilhas do celto-latim e da literatura vernácula. O bretão do continente estando ainda sujeito a diferentes hipóteses quanto à sua configuração literária não-latina antes do século V (SIMS-WILLIAMS, 1991; BRETT, 1989). Com exceção de Gildas e Bede, autores anônimos utilizarão a língua latina com uma margem de negociação com o céltico. Afinal de contas, o latim não estava apto a traduzir as “sutilezas” de uma língua bárbara... Na alta idade média dos territórios célticos os autores celtófonos produziram muitas obras em língua latina, mas este conjunto deve ser visto à luz de suas especificidades: pelo seu vocabulário, gramática e fraseologia. A literatura celto-latina representa um dos fenômenos mais interessantes da filologia medieval (HOWLETT,

⁷ Sobre o material pré-galfridiano do mito arturiano e as hagiografias ver DONNARD, Ana ‘La Chronique de Saint Briec, le Livre des faits d’Arthur et le Librum Vetustissimum de Geoffroi de Monmouth’ IN : ACTES DU 22e CONGRÈS DE LA SOCIÉTÉ INTERNATIONALE ARTHURIENNE, Réunis et publiés en ligne par Denis Hüe, Anne Delamaire et Christine Ferlampin-Acher, Rennes 2008. <http://www.sites.univ-rennes2.fr/celam/ias/actes/auteurs.html>

2007).⁸ Mas é preciso notar que para os latinistas do início do século passado, em relação ao latim da HB, não estava reservado nenhuma condescendência:

Le latin de Nennius ne se recommande ni par la variété ni par la correction du style. C'est visiblement l'œuvre d'un clerc qui n'a guère fréquenté les auteurs classiques. [...] Ce latin, tel quel, présente cet avantage qu'il reflète l'influence du milieu indigène médiocrement lettré dans lequel a vécu l'auteur. (LOT, 1932, p. 157)

Em 1934 Ferdinand Lot publicará um trabalho pioneiro: uma re-edição do manuscrito Harleiano, com uma discussão detalhada do conteúdo a fim de identificar as possíveis fontes da compilação (LOT, 1934). No entanto, não sendo um especialista celtólogo, várias lacunas e erros foram cometidos (DUMVILLE, 1986, p. 3) Três questões fundamentais estavam em curso naquela época: a autenticidade de Nennius, a data da primeira composição ou do texto primitivo e a validade ou não da HB como referência histórica. Com a evolução dos estudos, leia-se menos preconceito e ideologia, e a consequente compreensão do que realmente significam os textos celto-latinos, a noção de “meio medíocre” se desfaz. A partir dos anos sessenta um novo interesse pela HB se estabelece com base principalmente nas pesquisas de David Dumville e de suas edições críticas (DUMVILLE, 1985). Desde então, esta obra passou de “medíocre” a “extraordinária”, pelo contexto histórico em que se insere; pelo latim de influência céltica; pela composição entre material pré-cristão e romano-cristão na passagem entre Antiguidade e Antiguidade Tardia.

David Dumville não foi o primeiro a romper com uma tenaz resistência inglesa ao estudo comparativo das fontes latinas e célticas para o período pós-romano da Bretanha insular entre os séculos V e VI. Leslie Alcock e John Morris já tinham projetado na cena acadêmica estes textos negligenciados. No entanto, a imensa obra de Morris apresentava vários problemas de análise comparativa, ficando os estudos de Alcock como a referência mais sólida para os arturianos.

[...] both of these authors, breaking with the twentieth-century tradition of English historiography, have seen fit to assign a great importance to written sources deriving from the Celtic world, and indeed scholars involved in other aspects of Celtic studies would wish to welcome these developments, since

⁸ Vale mencionar o *Archive of Celtic Latin Literature* on-line e CD-ROOM 2009 encontrado na Brepols Publishers, www.brepols.net

they force the reluctant Anglo-Saxon to come to terms with neglected Celtic texts. (DUMVILLE, 1977, p. 173)

Atualmente podemos seguir um consenso internacional sobre as características gerais da obra, apesar, é claro, de algumas divergências que ainda subsistem entre os eruditos e os universitários - como não poderia deixar de ser no mundo dos estudos célticos. Será necessário então, para um estudo apropriado da HB, que se quer aqui apenas introdutório, descartar as divergências de âmbito mais relacionado ao processo histórico da Bretanha insular e nos atermos à análise historiográfica, tendo em vista a nossa intenção que é a de fornecer apontamentos sobre o entendimento e a contextualização das fontes primárias para o estudo do mito arturiano.

3. Nennius – Um compilador tardio

Se tomarmos a HB como primeira fonte escrita para o mito arturiano, neste estudo, é porque tomamos o referencial que é a datação paleográfica. Dissemos anteriormente que uma literatura de fundo oral antigo, e conseqüentemente, seu estoque mitológico ou histórico, não podem ser analisados unicamente do ponto de vista da cronologia dos manuscritos. Faz-se então necessário aqui comentar brevemente o poema *Y Gododdin*.

Até o momento presente é impossível afirmar categoricamente que os versos (*englyion*) **cochore brein du ar uur / “caer ceni bei ef arthur”** (*Gordur alimentou os corvos na batalha, embora ele não fosse Arthur*) são anteriores à HB.⁹ Apesar de todos os esforços para encontrar uma resposta historiográfica a origem desta citação enigmática (JACKSON, 1963; JARMAN, 1990; PADEL; 1998), não foi possível estabelecer com precisão quando estes versos entraram na composição da elegia. A referência a Arthur pode fazer parte de uma adição quando da transcrição do poema no século XIII, ou mesmo antes, em meados do século V (c. 600) quando Arthur já era um mito de guerreiro bretão, data de composição do poema na sua etapa oral. Apesar de um estudo lingüístico de reconstituição da etapa primitiva do poema, realizado por John Koch

⁹ Tradução minha do inglês a partir da tradução do britônico antigo de John Koch (1997). Alimentar os corvos na batalha significa matar muitos inimigos. Os celtas decapitavam os inimigos e deixavam seus corpos ao relento para alimentar os corvos, que eram uma das aves sagrada da mitologia. Os corvos, como se pode facilmente entender, eram as aves relativas ao atributo do poder guerreiro.

(1997), que confirmaria a hipótese de uma datação baixa, os eruditos celtólogos resistem à sua proposição da antiguidade do *Y Gododdin*, como resistem também à proposição de Kenneth Jackson (1963) de considerar esta peça de literatura céltica como a comprovação da existência histórica de um Arthur chefe de guerra britônico. O assunto é extenso e nos limitamos aqui apenas a esta anotação para justificar nossa afirmação de que a HB deve ser tratada como fonte primária para o mito arturiano antes das outras que compõem o conjunto de fontes primárias arturianas no caso de um estudo historiográfico, obviamente.¹⁰

Para as fontes escritas da Bretanha insular entre Antiguidade Tardia e o início da era medieval devemos considerar a EXCIDIO BRITANNIAE de Gildas (c. 544-9) HISTORIA ECCLESIASTICA GENTIS ANGLORUM (731) de Bede. Verificar as interpolações entre estes dois textos e a HB (829) é mais do que obrigatório. No entanto, mesmo se um grupo de manuscritos da HB foi atribuído a Gildas, este pode ter sido apenas um recurso para se valorizar, no contexto da tradição insular, um conjunto de manuscritos anônimos.

Entre a segunda metade do século VI e o final do século VII a Bretanha insular não teve uma atividade literária, ou senão nenhum manuscrito que tenha sido conservado. O manuscrito mais antigo, o Z de Chartres foi produzido na Bretanha armoricana, para um público insular (DUMVILLE, 1986; KERLOUEGAN, 1987). Este dado é importante para o estudo da obra, pois trata-se de reconhecer o horizonte histórico desta obra, cuja composição se deu no século IX. Neste caso podemos entrever o quanto é importante conhecer o corpus da literatura celto-bretã para entender o contexto da HB.

As possíveis fontes para o compilador anônimo da primeira família de manuscritos seriam: as crônicas de Próspero de Aquitânia, Isidoro de Sevilha, Eusébio Jerônimo (378), o *Cursus Paschalis* de Vitório de Aquitânia, as narrativas orais sobre São Patrício, o *Liber Beati Gemani* (808), um poema vernáculo (britônico) sobre as batalhas de Arthur, alguns textos dos ingleses, sobretudo a lenda de Hengest e Horsa em relação

¹⁰ No entanto, no nosso entender, as possibilidades de interpolação tardia da estrofe (*englyion*) na elegia do *Y Gododdin* são tão dificilmente explicáveis quanto a primeira hipótese que é a de se tomar a peça literária no seu conjunto e entender este *Arthur* como parte integrante original do poema na sua etapa oral, tal qual, afinal, foi transcrita no manuscrito. Como disse, o assunto é extenso e faz parte do ‘*ystyr hud*’ de Arthur, matéria para outro estudo.

com Gwrtheyrn (Vortigern) e Gwrthefyr (Vortemir) e o Pilar de Elise. Este último trata-se de um monumento em forma de cruz erigido por Cyngen, Príncipe de Powys (clã galês) em honra a seu avô Eliseg ab Gwylog no século IX. A primeira tradução da inscrição funerária foi realizada por Edward Llwyd, antiquário e lingüista galês em 1696. Este monumento é muito importante para a arqueologia dos reinos britônicos e conseqüentemente um dado, ainda que indireto, para o entendimento da organização fiduciária dos clãs ou “reinos” dos bretões contemporâneos de Arthur, além do fato de que as inscrições em latim tratam de vários personagens encontrados na HB. A transcrição de Edward Llwyd impediu a perda desta importante peça do quebra cabeças arturiano, pois o pilar foi parcialmente destruído durante a guerra civil inglesa (1641–1651). Mas, ainda, e mais uma vez, os personagens históricos contemporâneos de Arthur estão lá, mas ele, Arthur, não é citado.



Figura 1. Pilar de Eliseg construído no século VI por Cyngen o príncipe de Powys em homenagem a seu bisavô atual País de Gales - Inglaterra

Outros textos podem ter contribuído para a composição da HB e a resolução das lacunas deixadas pelo tempo, como a coleção conhecida como *British Historical Miscellany*, os poemas da tradição poética galesa na sua fase oral, e os textos autênticos de São Patrício. Estas são as referências assinaladas por David Dumville, que considera então que a primeira fase de composição da HB foi realizada por um organizador de talento, bastando avaliar suas fontes para concluirmos que se tratava de um erudito de seu tempo. O conjunto da obra apresenta, portanto, uma cultura diversificada, com conhecimento de poemas britônicos (galês-antigo), textos da cultura latina e ainda o

conhecimento de textos em irlandês antigo. Este compilador anônimo seria, segundo Dumville, “*a synchronizing scholar*”, ou seja, um erudito capaz de transformar as lacunas da história britônica num conjunto coerente ou senão pelo menos suscetível de ser aceito pelos seus contemporâneos:

I conclude that he was a cleric, probably from the border- regions of southern Wales but working in Merfyn Frych’s Gwynedd, perhaps even at his court. He may have been employed as an interpreter, in addition to his religious duties. [...] I consider him to have made an intelligent attempt at a history of his countrymen from their origins down to the effective conclusion of the north-British wars at the end of the seventh century. (DUMVILLE, 1977, p. 176)

Este método de sincronização foi particularmente conhecido na Irlanda medieval nas diferentes escolas do século IX. (DUMVILLE, 1985, p. 91-8). Neste esforço para se construir uma história homogênea, a partir das contradições e descontinuidades, as cronologias teriam sofrido adaptações que são identificadas como processos de “harmonização” operados pelos cronistas celtas. O *Lebhor Gabhala Eirenn* seria um destes exemplos, assim como as obras dos poetas Flann Mainnistrech e Gilla Coemain e ainda as genealogias em manuscritos do século XII. Em irlandês antigo ‘comuaimm’ traduz a idéia de harmonizar diferentes textos ou narrativas (CHADWICK, 1963).

Sugerindo esta mesma circunstância para a Bretanha insular, o professor Dumville destaca que a HB pode ter sido a primeira tentativa de se construir uma história sintética dos Bretões, logo após o período romano. Esta tarefa seria, então, e este dado é importante para o estudo do mito arturiano, organizada a partir de uma escola literária na Bretanha insular, trabalhando simultaneamente com os *scriptoria* da Irlanda e da Bretanha armoricana. Quanto ao conjunto de manuscritos atribuídos a Nennius, estes são posteriores e revelam a fase final da longa composição da obra. Ainda seguindo as considerações de David Dumville, este compilador, Ninnius, ou Nennius como é conhecido tradicionalmente, trabalhou na composição definitiva da obra e sua data não deve se estender para além dos meados do século XI (DUMVILLE, 1975, p. 94). A recensão, chamada de Harleiana, bem como a primeira fase da compilação dos textos não puderam ter seus autores ou mesmo pseudo-autores, identificados: “*The author of the primary recension, a Welsh Latin text assignable to the year 829/30 (the fourth year of the King Merfyn of Gwynedd), remains anonymous*” (DUMVILLE, 1986, p. 4-5). Estas conclusões podem ainda se alterar, os estudos filológicos para a HB poderão

quem sabe, revelar outras circunstâncias, embora seja um consenso internacional creditar aos trabalhos de David Dumville uma etapa conclusiva para o estudo historiográfico dos manuscritos que compõem a obra fundadora de mito arturiano.

4. O *cairn* filológico de Arthur dos bretões

Já mencionamos o fato de que as dificuldades das análises críticas para a HB resultam da pluralidade de manuscritos que tinham origens distintas, possibilitando diferentes datações. Ao estudo filológico propriamente dito se sobrepõem as dificuldades da análise histórica a partir de fontes lacunares. O silêncio de Gildas sobre Arthur na sua obra *DE EXCIDIO BRITANNIAE* gerou uma discussão de séculos, na tentativa de compreender o personagem Arthur da HB. Mas devemos aceitar o fato de que o único documento histórico sobre Arthur não permite a identificação do personagem. A *Mirabilia* – parte da HB incorporada ao trabalho de sincronização histórica dos reinos britônicos – transferiu totalmente o personagem chefe de guerra dos Bretões contra a invasão saxônica em uma evemerização da qual os poetas se beneficiaram e da qual os historiadores e os filólogos apenas podem assinalar os inconvenientes:

By the time of the *Historia Brittonum*, we may be quite sure that the Arthurian legend had gathered some momentum. Observe for example, the two occurrences of Arthur among the *mirabilia* at the end of that work. This is not the stuff of which history can be made. The fact of the matter is that there is no historical evidence about Arthur; we must reject him from our histories and, above all, from the titles of our books. (DUMVILLE, 1977, p. 188)



Figura 2. Cairn com espada em Turin Hill perto de Rescobie, Angus. Localização NO5153 quase na fronteira entre Escócia e Inglaterra. Copyright por David Shaw com licença Creative Commons

Uma das tentativas mais recorrentes de sincronização se deu, apesar de todas as impossibilidades, com o ciclo de Arthur. Seja na obra galfridiana, seja a partir dos manuscritos galeses ou bretões armoricanos as tentativas para estabelecer esta sincronização com a HB sempre encontram dificuldades, por vezes intransponíveis. A tal ponto que só se pode pensar em Arthur a partir do estoque de material mitológico no qual, devemos reconhecer, a coerência de elementos é sem dúvida surpreendente. Uma sincronização entre Arthur, Ambrosius Aurelianus e Riothamus é, no entanto, muito interessante e constrói certamente dúvidas que não são, e como não poderia deixar de ser, de fácil resolução, tanto para refutá-las quanto para aceitá-las.

As teorias até hoje formuladas para encontrar o Arthur possivelmente histórico da HB são excludentes e muitos são aqueles que hoje descartam *completamente* a noção de historicidade de um personagem lendário rei dos Bretões assimilado a Arthur, assim como David Dumville. Mas a matéria arturiana do ponto de vista da literatura irlandesa ainda pode revelar muitos elementos até então negligenciados, bem como a literatura perdida dos Bretões armoricanos, que pode ainda revelar outras abordagens, talvez até mesmo sobre um personagem histórico evemerizado e, sobretudo, para a constituição do estoque mitológico que se superpõe ao personagem da HB.

Os Bretões que imigraram para a península armoricana e que são descritos por Gildas faziam parte da elite eclesiástica, portanto latinizada. Estes Bretões tiveram interesse em compor com os Coriosolitas e os Ossímios e, mais tarde, com o Francos. Em 579 os Bretões fizeram incursões nas regiões de Vannes e de Rennes. O desejo de se preservar uma cultura britônica foi evidente: o nome da península mudou, a língua indígena gaulesa mudou, enfim, mudou toda uma identidade e uma fisionomia galo-romana (ou pelo menos é isso que nos querem fazer crer todos os historiadores da Bretanha). A Armórica se tornou a Bretanha “la mineure” re-celticizada (?) e continental, a ponto de ser designada como uma só Bretanha durante vários séculos nos textos medievais, e de fato foi, durante o reinado de Conan, uma só Bretanha dividida pelo mar. Os principados duplos de Dumonia e Cornualha (de 400 a 700) são voltados espiritualmente para a Bretanha insular, terra maternal. Mas administrativamente os armoricanos se saíram melhor do que os insulares, conseguindo longos anos de paz com

os Francos e mantendo uma coesão, diferentemente do que se passava na ilhas – Britania e Hibernia (Irlanda) (FLEURIOT, 1980).

Curiosamente a HISTORIA BRITTONUM é a história *dos Bretões* e não uma história *da Bretanha* – título que evoca um grupo cultural e não um espaço geográfico. A primeira composição da obra foi produzida na Bretanha armoricana. Por que razão? Os homens da Igreja teriam todos imigrado para a península fugindo dos desastres advindos da romanização e do esfacelamento dos domínios celto-bretões na ilha? Teriam tido os Bretões de Arthur, na Armórica, um contexto mais favorável para a elaboração de sua memória britônica, estando na península a salvo das lutas intestinas e dos ataques estrangeiros? É o que nos faz entender Godofredo de Monmouth na sua obra posterior ao ciclo da HB. De qualquer forma, os Bretões se reorganizaram consistentemente neste novo território armoricano, e isto faz parte da história documental e arqueológica armoricana. Mais tarde serão ainda os principais atores na dignificação do mito arturiano e na sua divulgação oral. (BULLOCK-DAVIES, 1981; TATLOCK, 1950). A obra galfridiana é uma arquitetura impressionante entre mitologia celta e elementos históricos. A cultura britônica não poderia deixar de recolher suas pedras, re-construindo este grande *cairn* cultural, entre romanização e celticidade antiga. Mas com Godofredo de Monmouth, saímos do histórico-lendário para entramos definitivamente no *mito literário*, inaugurando o ciclo que não deixará nunca de encantar crianças, jovens e adultos, apaixonados por este Arthur britônico misterioso para sempre recolhido no Outro Mundo dos Celtas Atlânticos. A cada dia uma nova pedra é adicionada a este *cairn* arturiano: monumento literário do ocidente celto-cristão.

Referências

ALCOCK, L. *Arthur's Britain –History and Archaeology AD 367-634*, London: Penguin Press, 1971.

BRETT, C. Breton Latin Literature as Evidence for Literature in the Vernacular, A.D. 800-1300, *Cambridge Medieval Celtic Studies*, 18, 1989. p. 1-25.

BROMWHICH, R. *Tryoedd Ynys Prydein – The Welsh Triads*. Cardiff : University of Wales Press, 1978.

BULLOCK-DAVIES, C. 'Exspectare Arturum': Arthur and the Messianic Hope. *Bulletin of the Board of Celtic Studies*. vol. xxix, November, 1981. p. 432-440.

CASSARD, J.-C. 'Sur le passé romain des anciens Bretons'. *Kreiz – Etudes sur la Bretagne et les Pays Celtiques*, n° 5, CRBC-Brest, 1996. p. 5-31.

CHADWICK, N. (ed.) *Celt and Saxon – Studies in the early British Border*, Cambridge: University of Cambridge Press, 1963.

DONNARD, Ana. La Chronique de Saint Briec, le Livre des faits d'Arthur et le Librum Vetustissimum de Geoffroi de Monmouth In. ACTES DU 22e CONGRÈS DE LA SOCIÉTÉ INTERNATIONALE ARTHURIENNE, Réunis et publiés en ligne par Denis Hüe, Anne Delamaire et Christine Ferlampin-Acher, Rennes, 2008. <http://www.sites.univ-rennes2.fr/celam/ias/actes/auteurs.html>

DUMVILE, D. Nennius and the Historia Brittonum, *Studia Celtica* 10/11, 1975, p. 78-95.

_____. Celtic-Latin Texts in northern England, *Celtica* 12, 1977, p. 19-49.

_____. Sub-Roman Britain: History and Legend. *History*, N.S., 62, 1977, p. 172-192.

_____. The sixteenth-century history of two Cambridge manuscripts from Sawley. *Transactions of the Cambridge Bibliographical Society* 7, 1977, p. 427-444.

_____. Language, literature and law in Medieval Ireland: some questions of transmission. *Cambridge Medieval Celtic Studies*, 1985, p. 91-98.

_____. The historical value of the Historia Brittonum. *Arthurian Literature* 6, 1986. Brewer. p. 61-26.

FARAL, E. *La Légende Arthurienne : textes et documents*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1929.

FLEURIOT, L. *Les Origines de la Bretagne*. Paris: Editions Payot, 1980.

HOWLETT D. R. *Dictionary of medieval Latin from British sources*. Oxford University Press, 2007.

JACKSON, K. H. *Language and history in early Britain: a chronological survey of the Brittonic languages 1st to 12th c. A. D.* 2nd ed. Dublin: Four Courts Press, 2000. [1st ed.: Edinburgh: Edinburgh University Publications, 1963].

_____. On the Northern British section in Nennius. In CHADWICK, N. (ed.) *Celt and Saxon in the early British Border*, Cambridge: Cambridge University Press, 1964, p. 20-62.

JARMAN, A. O H. *Aneirin, y Gododdin: Britain's oldest heroic poem*. Dyfed: Gomer Press, Wales, 1990.

KERLOUEGAN, F. *Le De Excidio Britanniae de Gildas – Les destinées de la culture latine dans l'île de Bretagne au VI^e siècle*. Paris: Publications de la Sorbonne, 1987.

KOCH, J. (éd.) *The Goddodin of Aneirin*. Text and Context from Dark-Age North Britain. Cardiff: University of Wales Press, 1997.

LOT, F. *Nennius et l'Historia Brittonum* – Etude critique. Paris: Honoré Champion, 1934.

LOTH, J. Remarques à l'Historia Brittonum. *Revue Celtique* 49, 1932. p. 150-65.

PADEL, O. A New Study of the Gododdin. *Cambriam Medieval Celtic Studies*, n° 35, 1998. p. 45-55.

SIMS-WILLIAMS, P. The early Welsh Arthurian poems. In BROMWICH, R.; JARMAN, A. O.; ROBERTS, B. F. (eds.) *Arthur of the Welsh*. Cardiff: University of Wales Press, p. 33-71.

STEVENSON, J. *De excidio Britanniae /ad fidem codicum manuscritorum*. London: Sumptibus Societatis - English Historical Society, xli, 122, xxxii, 1838. 80p. Includes the Historia Britonum by Nennius.

TATLOCK, J. S. *The legendary History of Britain – Geoffrey of Monmouth's Historia regum Britanniae and its early vernacular versions*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1950.

THURNEYSSEN, R. Monmsen's Review'. *Zeitschrift für celtische Philologie*, 20, 1933-6, p.163-6.

WADE-EVANS A. W. Nennius's "History of the Britons": together with "The annals of the Britons" and "Court pedigrees of Hywel the Good", also "The story of the loss of Britain". London: Publications of the Church Historical Society, 1938. New series; n° 34.

WALTER, P. *Arthur – L'ours et le roi*. Paris, Imago, 2002.

ZUMTHOR, P. *Merlin le prophète: un thème de la littérature polémique del'historiographie et des romans*. Genève: Editions Stakline, 2000.

Bibliografia complementar

D'ARBOIS DE JUBAINVILLE . Compte rendu de l'édition de The Irish version of the Historia Brittonum de Nennius. *Revue Celtique*, XVI, 1895. p. 106-111.

CHADWICK, N. Early Brittany. Cardiff: University of Wales Press, 1969.

_____. *La colonisation de la Bretagne armorique depuis la Bretagne insulaire* Crozon : Editions Armeline, 1999.

DUMVILE, D. Some aspects of the chronology of the Historia Brittonum. *Bulletin of the Board of Celtic Studies* 25.4; 439-45. 1974.

_____. The Liber Floridus of Saint Omer and the Historia Brittonum. *Bulletin of the Board of Celtic Studies*, 26, 1974, p. 103-122.

_____. England and the Celtic World in the Ninth and Tenth Century. *O'Donnell Lectures in Celtic Studies*, University of Oxford, 1978, fols. 70-135.

_____. Historia Brittonum: an insular History from Carolingian Age. IN: SCHARER, A. (ed.) *Historiographie im frühen Mittelalter*, Wien/München, 1994, p. 406-34.

_____. *Histories and pseudo-histories of the insular Middle Ages* Variorum collected studies series, Aldershot : Variorum, 1990.

GIOT, P-R; GUIGON, P.; MERDRIGNAC, B. *Les premiers Bretons d'Armorique*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2003.

LEMOINE, L. *Recherches sur l'enseignement et la culture dans la Bretagne du haut Moyen Age*, 2 vol. Thèse, Université de Haute Bretagne, Rennes2, 1986.

LOT, F. *Mélanges d'histoire Bretonne*, Paris: Honoré Champion, 1907.

MILLER, M. Bedes's use of Gildas. *English Historical Revue*, 90, 1975. p. 241-261.

PAPE, L. *La Bretagne romaine*, Rennes: Edition Ouest-France, 1995.

PIRIOU, Y-P. *Contribution à une histoire de la littérature bretonne perdue*, Thèse, Université de Haute Bretagne, Rennes2, 1982.

RHYS, J. *Studies in Arthurian Legend*, Oxford: Clarendon Press, 1891.

SMITH, J. *Province and Empire: Brittany and the Carolingians*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

THOMAS, C. Are these walls of Camelot? *Antiquity* 43, 1969. p. 27-30.

TOLSTOY, N. Nennius, Chapter Fifth-six. *Bulletin of the Board of Celtic Studies* 19, 1961. p. 118-162

WILLIAMS, J. E. C. Brittany and the Arthurian Legend. In BROMWICH, R. *The Arthur of the Welsh*, Cardiff, University of Wales Press, 1991.